

“Refligerante” e “sargadinhos”: rotacismo e grafias não-convencionais de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental em Ponta Grossa (PR)

“Refligerante” and “sargadinhos”: rhotacism and unconventional spellings of students of the sixth year of Elementary School in Ponta Grossa (PR)

Márcia Cristina do Carmo¹, Tayná Maria Coelho Bugai², Jheniffer Amanda Dias³

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) - Brasil

RESUMO

O presente artigo analisa grafias não-convencionais presentes em textos de estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas localizadas no município paranaense de Ponta Grossa. Especificamente, são analisadas ocorrências de trocas entre os grafemas <l> e <r>, as quais podem ser associadas ao fenômeno fonético-fonológico denominado *rotacismo*, como em *devorver* (para *devolver*) e *anuncial* (para *anunciar*). Como fundamentação teórica, segue-se o *Modo heterogêneo de constituição da escrita* (Corrêa, 2004). A partir de 201 produções textuais (Mendes, 2013), foram levantadas 11 ocorrências, das quais sete (63,6%) correspondem ao uso do grafema <r> quando convencionalizado <l>, como em *pirulas* (para *pílulas*), e quatro (36,4%) ao uso de <l> quando a convenção prescreve <r>, como em *compral* (para *comprar*). Esses resultados evidenciam a circulação dialógica dos escreventes pelas práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito (Corrêa, 2004).

PALAVRAS-CHAVE:

Fonética e Fonologia. Rotacismo. Grafias não-convencionais.

ABSTRACT

This paper analyses unconventional spellings in texts written by students of the sixth grade of Elementary School of two public schools in Ponta Grossa, located in Paraná, in southern Brazil. Specifically, we analyse occurrences of exchanges between graphemes <l> and <r>, which can be associated with the phonological-phonetic phenomenon named *rhotacism*, e.g. *devorver* (*devolver* - ‘to return’) and *anuncial* (*anunciar* - ‘to announce’). We follow the theoretical background of the *Heterogeneous way of writing organization* (Corrêa, 2004). From 201 textual productions (Mendes, 2013), 11 occurrences were found, from which seven (63.6%) correspond to the use of grapheme <r> when <l> is the convention, e.g. *pirulas* (*pílulas* - ‘pills’), and four (36.4%) to the use of <l> when the convention prescribes <r>, e.g. *compral* (*comprar* - ‘to buy’). These results evince the dialogical circulation of the writers through oral/literate social practices of what has already been spoken/written (Corrêa, 2004).

KEYWORDS:

Phonetics and Phonology. Rhotacism. Unconventional spellings.

Recebido em: 01.09.2020

Aceito em: 16.11.2020

¹ E-mail: mccarmo@uepg.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0546-7622>.

² E-mail: taynabugai@outlook.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0215-3038>.

³ E-mail: jhenifferamandadias@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1286-1532>.

1. Introdução

O presente trabalho objetiva analisar grafias não-convencionais presentes em textos de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental de duas escolas da rede pública do município paranaense de Ponta Grossa. Para isso, seu recorte são as trocas entre os grafemas <l> e <r>, como em *refligerante* (para *refrigerante*) e *sargadinhos* (para *salgadinhos*), associados ao fenômeno fonético-fonológico denominado *rotacismo*, em que há a pronúncia de um som rótico como um som lateral ou vice-versa (Silva, 2011).

A dificuldade do aluno de escrever vocábulos com o grafema <l> em ambiente escolar é justificada por Cagliari (2004) a partir do fato de, muitas vezes, escrever a partir da observação da fala em casos de variação linguística, como ao grafar *bardji* (para *balde*) e *pobrema* (para *problema*) (Cagliari, 2004, p. 375). Nesse sentido, o autor destaca o fato de a escrita não corresponder a uma transcrição fonética da fala.

Segundo Corrêa (2004), existe uma crença equivocada de que, na escrita, não há variação (socio)linguística, o que promoveria uma espécie de “pureza” da língua. Ademais, para o autor, essa crença desconsidera que, na escrita formal, outros elementos podem interferir tanto na variação linguística quanto no sentido do texto, já que todo fato linguístico é vinculado a uma prática social.

Nesse contexto, como arcabouço teórico, o presente trabalho segue o *Modo heterogêneo de constituição da escrita* (Corrêa, 2004). Segundo essa proposta, o escrevente registra, em seu texto, marcas linguísticas que discorrem sobre a relação sujeito/linguagem, a partir de sua circulação por práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito. Sendo assim, esta pesquisa objetiva, a partir de produções textuais de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental em escolas da rede pública de Ponta Grossa (PR), observar possíveis regularidades que captem momentos da circulação dialógica do escrevente pelas práticas sociais do oral/falado - especificamente no que tange ao processo fonético-fonológico do *rotacismo* - e do letrado/escrito, a partir do seu imaginário sobre a escrita.

Como *corpus*, são utilizadas 201 produções textuais coletadas por Mendes (2013) em duas escolas urbanas estaduais da rede pública de Ponta Grossa. Desse *corpus*, foram levantadas todas as ocorrências de grafias não-convencionais associadas ao rotacismo, englobando as trocas existentes entre os grafemas <l> e <r>.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente, é apresentado o arcabouço teórico que fundamenta esta pesquisa (seção 2). Em seguida, são expostos o material e o método empregados nesta investigação (seção 3). Por fim, é apresentada a análise dos dados (seção 4), seguida pela conclusão deste trabalho (seção 5).

2. Fundamentação teórica

Como já apresentado, como arcabouço teórico para a análise de grafias não-convencionais, o presente artigo segue o *Modo heterogêneo de constituição da escrita* (Corrêa, 2004), abordagem teórica mais detalhada na seção 2.1 deste trabalho. Em seguida (seção 2.2), são apresentadas as orientações dos documentos oficiais vigentes para o ensino de ortografia no segundo ciclo do Ensino Fundamental e, posteriormente (seção 2.3), discorre-se sobre o fenômeno fonético-fonológico do *rotacismo* na língua portuguesa e sobre estudos que evidenciam seu funcionamento a partir de dados escritos.

2.1 *Modo heterogêneo de constituição da escrita*

O presente artigo segue o arcabouço teórico do *Modo heterogêneo de constituição da escrita*, proposto por Corrêa (2004). Em sua proposta, o autor rompe não apenas com a dicotomia radical existente entre fala e escrita - que assume a escrita como *produto*, e não como *processo* - como também se afasta da proposta de Marcuschi (2010) da disposição de gêneros textuais/discursivos em um *continuum*, já que essa proposta, nos pólos desse *continuum*, acaba por retomar a dicotomia entre essas modalidades linguísticas.

Para Corrêa (2004), não se deve desconsiderar o fato de que a heterogeneidade é parte integrante da própria língua e, portanto, é constitutiva também da escrita, afetando a noção de norma e de norma escrita culta. Segundo o autor (2004, p. 9), o *Modo heterogêneo de constituição da escrita* pode ser concebido como o “encontro entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito”, considerada a circulação dialógica do escrevente com aquilo que já falou/escreveu e aquilo que já ouviu/leu. Exerce papel importante, nesse contexto, o imaginário que o escrevente faz da escrita - a partir de um imaginário socialmente partilhado - em cujas representações, linguisticamente, materializam-se as relações entre agentes sociais e escrita.

Nessa proposta, Corrêa (2004) aponta três eixos que orientam a circulação do escrevente pelo imaginário sobre a escrita, a saber:

- (i) *Modo de constituição da escrita em sua suposta gênese*: momento em que o escrevente toma a escrita como representação direta da oralidade;
- (ii) *Apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado*: momento em que o escrevente concebe a escrita a partir do código institucionalizado para a sua escrita, podendo corresponder essa institucionalização à escola, mas não se restringindo a ela (tendo em vista o contato diário e não escolarizado que as pessoas mantêm com a escrita);
e
- (iii) *Dialogia do texto com o já falado/escrito*: momento em que se manifesta a relação do escrevente com suas experiências orais e escritas, isto é, o já falado/já ouvido e com o já escrito/já lido.

O presente artigo analisa as grafias não-convencionais a partir dos dois primeiros eixos propostos por Corrêa (2004), por serem aqueles que tratam, mais diretamente, das relações entre marcas deixadas pelos escreventes em seus textos e características presentes nas práticas sociais do oral/falado (primeiro eixo) e do letrado/escrito no âmbito das instituições (segundo eixo). Todavia, ressalva-se que esse recorte corresponde a um procedimento metodológico para viabilizar a análise das grafias não-convencionais, visto que os três eixos funcionam conjuntamente durante o processo de produção textual.

Corrêa (2004) destaca o caráter de não-acabamento da aquisição da escrita, definindo-a como *processo*, e não *produto*. Para o autor, essa concepção corresponde a uma condição indispensável para que os profissionais do ensino possam sugerir direções ao escrevente. Ademais, segundo o autor, fica explícito o fato de não ser solitário o processo de construção das representações sociais da escrita em meio às práticas sociais, posto que “os outros aos quais o sujeito-escrevente direta ou indiretamente retoma e/ou se dirige também tomam parte no trabalho incessante de re-produção/re-criação dessas representações como participantes que são dos acontecimentos discursivos” (Corrêa, 2004, p. XX).

Feita esta breve apresentação do arcabouço teórico referente ao *Modo heterogêneo de constituição da escrita*, passa-se, na seção seguinte, às orientações sobre o ensino de ortografia segundo documentos oficiais atualmente vigentes.

2.2 Ensino de ortografia segundo documentos oficiais

Como mencionado, o presente artigo analisa grafias não-convencionais de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas paranaenses. Nessa fase escolar, especificamente em relação ao conhecimento em nível ortográfico, os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante, PCNs) orientam o fornecimento de meios para que o aluno compreenda o funcionamento do sistema grafo-fonêmico da língua e as convenções ortográficas (Brasil, 1998). Para isso, cabe ao professor desenvolver um trabalho regular e frequente, abordando simultaneamente as regularidades e irregularidades ortográficas. O documento ressalta que é importante dar ênfase à construção das regularidades, “afinal, não se aprende a escrever as palavras uma a uma” (Brasil, 1998, p. 86).

Além disso, para os PCNs, é necessário que o estudante analise, dentre outros elementos, as relações entre fala e escrita e as restrições presentes no emprego das letras, para que o aluno possa refletir sobre a língua e, especificamente, a modalidade escrita (Brasil, 1998). De acordo com os PCNs (Brasil, 1998), o ensino deve estar articulado nos seguintes eixos para possibilitar essa reflexão:

- a) privilégio do que é “regular”, permitindo que, por meio da manipulação de um conjunto de palavras, o aluno possa, agrupando-as e classificando-as, inferir as regularidades que caracterizam o emprego de determinada letra; b) preferência, no tratamento das ocorrências “irregulares”, dos casos de frequência e maior relevância temática (Brasil, 1998, p. 85).

Do mesmo modo, a Base Nacional Comum Curricular (doravante, BNCC) também apresenta a perspectiva da progressão de conhecimentos “que vai das regularidades às irregularidades e dos usos mais frequentes e simples aos menos habituais e mais complexos” (Brasil, 2018, p. 139). Durante os exercícios de análise e reflexão, espera-se, por exemplo, que o aluno identifique e analise aspectos da fala na escrita, principalmente quando as sílabas não pertencem ao padrão consoante/vogal (CV), bem como que explore ativamente um *corpus* de palavras (Brasil, 1998).

É importante destacar que os PCNs consideram o aprendizado referente à ortografia inesgotável. Essa concepção também é defendida pela BNCC, ao afirmar que o trabalho com o conhecimento ortográfico deve estar presente durante todo o processo escolar (Brasil, 2018). Nesse sentido, esses documentos oficiais se aproximam da concepção da escrita como processo, e não como produto, como proposto por Corrêa (2004) em seu *Modo heterogêneo de constituição da escrita* (seção 2.1).

Por sua vez, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (daqui em diante, DCEs) do Estado do Paraná não focam exclusivamente no ensino da ortografia, mas, sim, na prática da escrita, com o objetivo de possibilitar ao aluno um domínio de práticas discursivas que permitirá a ele atuar em diversas esferas da sociedade, de modo a aprimorar e reelaborar a sua visão de mundo, desenvolvendo uma compreensão crítica para a desconstrução de “verdades” cristalizadas na língua, como:

o rótulo de erro atribuído às variantes que diferem da norma padrão; a excessiva formatação em detrimento da originalidade; a irracionalidade atribuída aos discursos, dependendo do local de onde são enunciados e, da mesma forma, o atributo de verdade dado aos discursos que emanam dos locais de poder político, econômico ou acadêmico (Paraná, 2008, p. 65).

A prática da escrita nas DCEs destaca a relação entre o uso e a aprendizagem da língua, concebendo o texto como um elo de interação social. Por isso, sugere que o professor proporcione atividades de escrita visando a um leitor, em que haja a possibilidade de relacionar o dizer escrito com o contexto da produção. Para tanto, é proposto que o professor divida a prática da escrita em três partes, (i) o planejamento do que será escrito; (ii) a escrita do que fora proposto no planejamento; e (iii) a reescrita do texto, quando o professor parte da reflexão do aluno sobre o texto e seus elementos discursivos, textuais, estruturais e normativos - inclusive ortográficos (Paraná, 2008).

Feita a apresentação das recomendações dos documentos oficiais acerca do ensino de ortografia no segundo ciclo do Ensino Fundamental, são apresentadas as características referentes ao fenômeno do rotacismo.

2.3 Rotacismo

O rotacismo consiste em um “fenômeno fonológico relacionado com a realização fonética de um som rótico em substituição a um som lateral ou vice-versa” (Silva, 2011, p. 197). Em outras palavras, esse fenômeno fonético-fonológico pode ocorrer de duas formas: (i) quando há a substituição da líquida vibrante /R/ por uma líquida lateral /l/, como, por exemplo, em *p[l]aia* (para *praia*), fenômeno também conhecido como *lambdacismo*; e (ii) quando há a substituição da líquida lateral /l/ por uma líquida vibrante /R/, como em *exp[r]icar* (para *explicar*).

Como pode ser observado, atuam no rotacismo as consoantes *líquidas*, que englobam róticos e laterais, e que “partilham propriedades fonotáticas no português brasileiro: ambas podem formar ataque simples, coda silábica e são os únicos segmentos permitidos como segundo elemento de um ataque complexo” (Costa, 2007, p. 5).

O rotacismo tende a ocorrer em três contextos silábicos distintos: (i) em coda medial, como em *a[l].mo.fa.da* (para *al.mo.fa.da*); (ii) em coda final, como em *so[l]* (para *sol*); e (iii) em grupos consonantais em ataque silábico, como em *b[r]u.sa* (para *blu.sa*) (Cristino e Busse, 2017).

Brandão e Callou (2019) explicam que a comutação entre as líquidas ocorre, muitas vezes, por um processo de *dissimilação*, que consiste na “transformação de um fonema para diferenciação de um outro semelhante existente no mesmo vocábulo”, como em *li.bé.[l]u.la* > *li.bé.[r]u.la* (Botelho e Leite, 2005, p. 6-7). A alternância entre as líquidas pode ser resultado, ainda, de *metátese*, processo de transposição de segmento(s) dentro de um vocábulo (Silva, 2011; Hora e Telles, 2019), como em *a.ce.[r]o.[l]a* > *a.ce.[l]o.[r]a*.

Classificado como um *metaplasmo por transformação*, que ocorre “[...] quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema distinto em lugar do primeiro” (Botelho e Leite, 2005, p. 6), o rotacismo ocorre desde as primeiras mudanças do latim para o português, tendo contribuído para a formação da língua portuguesa. Vocábulos como *brando*, *escravo* e *praga*, por exemplo, originaram-se do latim *blandu*, *sclavu* e *plaga*, respectivamente (Bagno, 2007, 2009).

De acordo com Bagno (2007, 2009), o rotacismo consiste em um fenômeno estigmatizado socialmente,⁴ associado a variedades também estigmatizadas - sobretudo rurais - do Português Brasileiro. Segundo o autor,

[...] isso se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas *social e política* - as pessoas que dizem *Cráudia*, *praca*, *pranta* pertencem a camadas sociais desprestigiadas, marginalizadas, excluídas, que não têm acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas *diferente* da língua ensinada na escola (Bagno, 2009, p. 58, grifos do autor).

⁴ Assim como, por exemplo, o apagamento da vogal postônica medial em proparoxítonas, como em *córrego* > *córgo* e *árvore* > *árvre* (Bagno, 2007).

Bagno (2007, 2009) atesta que esse estigma social acontece apesar da existência de registros do fenômeno em textos *escritos* no português medieval, o que indicia que tais palavras foram, outrora, prestigiadas socialmente (Bagno, 2007). Conforme Brandão e Callou (2019, p. 56), foram registrados no *Appendix Probi*, texto do século IV d.C. que apresenta vocábulos do latim vulgar ditos como “errados” em comparação ao latim clássico na época (Silva Neto, 1956 *apud* Brandão e Callou, 2019), alguns exemplos da ocorrência do rotacismo em “*flagellum non fragellum, terebra non telebra e glatri non cracli*”. No português, Bagno (2007) destaca o registro de vocábulos com o grafema <r> no clássico do período renascentista *Os Lusíadas* (1572) de Camões, com as palavras: *frauta, frecha, ingrês, pranta, pruma, pubricar*.

Já no século XXI, alguns estudos debruçam-se sobre grafias não-convencionais relacionadas ao fenômeno fonético-fonológico do rotacismo.

Embasadas na Teoria da Variação e Mudança Linguística, Freitag *et al.* (2010) analisam o rotacismo nas modalidades falada e escrita de alunos do segundo e do quinto ano da rede municipal de ensino de Moita Bonita (SE). Metodologicamente, utilizaram-se de: (i) *ditado visual*, com a apresentação de imagens, cujos vocábulos eram primeiramente escritos e depois produzidos oralmente pelo aluno; e (ii) *ditado oral* (em que as palavras eram pronunciadas com a consoante lateral). De modo geral, as autoras observaram que a resposta escrita favorece o uso da variante prestigiada /l/, tanto para o estímulo oral (peso relativo - PR - 0.62) quanto para o estímulo visual (PR 0.55). Já a resposta oral, segundo as autoras, desfavorece o uso da variante padrão (PR 0.3), resultado explicado a partir do maior monitoramento geralmente aplicado à modalidade escrita. Quanto à influência da escolarização, a maior escolaridade (quinto ano) favorece o uso da variante prestigiada (PR 0.58), enquanto a menor escolaridade (segundo ano) o desfavorece (PR 0.19). Segundo as autoras,

Tendo em vista que a ocorrência de rotacismo costuma ser considerada pelos professores como sendo “vícios de linguagem” ou “erro”, constatamos que à medida que o grau de escolaridade aumenta a ocorrência desse fenômeno diminui, provavelmente pelo fato de o professor barrar a variante estigmatizada /r/, e também pelo amadurecimento da consciência normativa do estudante (Freitag *et al.*, 2010, p. 29).

O rotacismo é abordado, no presente artigo, a partir do imaginário que o escrevente faz acerca da escrita (Corrêa, 2004), deixando marcas, em sua produção textual, relativas à sua circulação dialógica por práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito relativas ao fenômeno fonético-fonológico descrito.

O *corpus* de pesquisa e os procedimentos metodológicos empregados nesta investigação são descritos na seção 3.

3. Material e métodos

Neste trabalho, são analisadas grafias não-convencionais presentes em produções textuais em duas escolas urbanas estaduais da rede pública de Ponta Grossa, município paranaense localizado na região dos Campos Gerais e cuja origem remonta ao tropeirismo, à pluralidade étnica e ao transporte ferroviário.⁵

Para realização deste trabalho, utiliza-se o banco de dados coletado e disponibilizado por Mendes (2013). Durante sua pesquisa de Mestrado, que objetivou analisar a questão da autoria em textos de opinião (Mendes, 2013), a autora coletou produções textuais realizadas em âmbito escolar no município mencionado.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa conta com 201 textos escritos por alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, entre 11 e 12 anos de idade. Os textos foram produzidos em contexto escolar a partir de duas propostas: (i) desenvolver um anúncio publicitário para a venda de um produto; e (ii) escrever um texto de opinião sobre o tema “Tomar refrigerante pode fazer uma criança feliz?”.

A relevância do estudo das grafias não-convencionais produzidas por estudantes do sexto ano se dá pelo fato de corresponder ao primeiro ano do segundo ciclo do Ensino Fundamental e, segundo a BNCC, espera-se que os alunos, no fim do primeiro ciclo, tenham adquirido a habilidade de grafar segmentos com correspondência fonema-grafema regulares e irregulares de uso frequente. Não obstante, muitos estudantes chegam ao segundo ciclo sem ter adquirido essa habilidade integralmente (Brasil, 2018, p. 115).

⁵ Informações retiradas do *site* da Prefeitura de Ponta Grossa. Disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/acidade>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Cabe destacar que, embora as produções textuais sejam provenientes de duas escolas diferentes do município de Ponta Grossa, essa informação não será considerada como uma variável relevante para a análise das grafias não-convencionais, com base na afirmação de Corrêa (2004) de que, por conta do ensino mais institucionalizado e do prestígio devotado à escrita, seu imaginário circula por toda a sociedade e atinge todos os escreventes. No entanto, destaca o autor, as diversas formas que os escreventes lidam com esse imaginário são registradas e observadas quando se analisam as representações que o escrevente faz da escrita - ou da convenção ortográfica, no caso do presente artigo - a ser reproduzida em âmbito escolar.

Em uma primeira triagem, foram levantadas todas as ocorrências de grafias não-convencionais presentes nos 201 textos. Posteriormente, selecionaram-se apenas as grafias não-convencionais associadas ao rotacismo, englobando tanto as ocorrências do grafema <r> quando a convenção ortográfica prevê <l>, como em *sargadinhos* (para *salgadinhos*), quanto as ocorrências do grafema <l> quando esperado <r>, como em *refligerante* (para *refrigerante*).


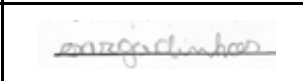

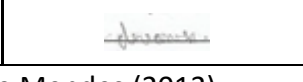
Em seguida, procedeu-se à análise dos dados, descrita na seção a seguir.

4. Análise dos dados

Após a verificação das 201 produções textuais de alunos do sexto ano de Ponta Grossa (PR), foram levantadas 11 ocorrências de grafias não-convencionais correspondentes à troca de <r> por <l> ou de <l> por <r>. Essas ocorrências estão dispostas no quadro a seguir:

Quadro 1 - Grafias não-convencionais

TEXTO	DADO	CONVENÇÃO	GRAFIA
22	<i>Refligerante</i>	<i>Refrigerante</i>	
22	<i>Probrema</i>	<i>Problema</i>	
27	<i>Refligerante</i>	<i>Refrigerante</i>	
45	<i>Compral</i>	<i>Comprar</i>	
46	<i>Craro</i>	<i>Claro</i>	
102	<i>Pirulas</i>	<i>Pílulas</i>	
102	<i>Pirulas</i>	<i>Pílulas</i>	

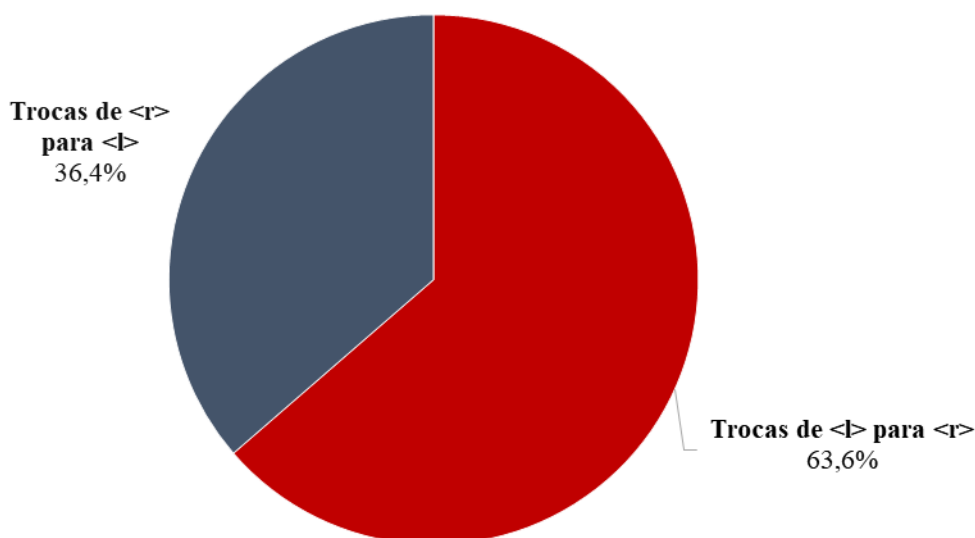
178	<i>Anuncial</i>	<i>Anunciar</i>	
178	<i>Sargadinhos</i>	<i>Salgadinhos</i>	
186	<i>Chicretes</i>	<i>Chicletes</i>	
188	<i>Devorver</i>	<i>Devolver</i>	

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados levantados a partir de Mendes (2013)

O relativamente baixo número de ocorrências pode ser explicado pelo fato de os escreventes frequentarem o sexto ano do Ensino Fundamental. Como exposto, Freitag *et al.* (2010), em seu estudo sobre o rotacismo nas modalidades falada e escrita, destacam a influência da escolarização para a diminuição do rotacismo. Sendo o rotacismo um processo estigmatizado socialmente (Bagno, 2007, 2009), tal resultado pode ser justificado pelo maior contato do aluno com a norma padrão e com variedades prestigiadas.

Das 11 ocorrências de grafias não-convencionais envolvendo trocas entre <l> e <r>, foram obtidas sete ocorrências (63,6%) com uso do grafema <r> quando se esperava, convencionalmente, <l> (*chicretes*, *craro*, *devorver*, *pírulas* - duas ocorrências -, *probrema* e *sargadinhos*) e quatro ocorrências (36,4%) de <l> quando a convenção ortográfica prevê <r> (*anuncial*, *compral* e *refligerante* - duas ocorrências), como ilustrado no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Ocorrências gerais de grafias não-convencionais

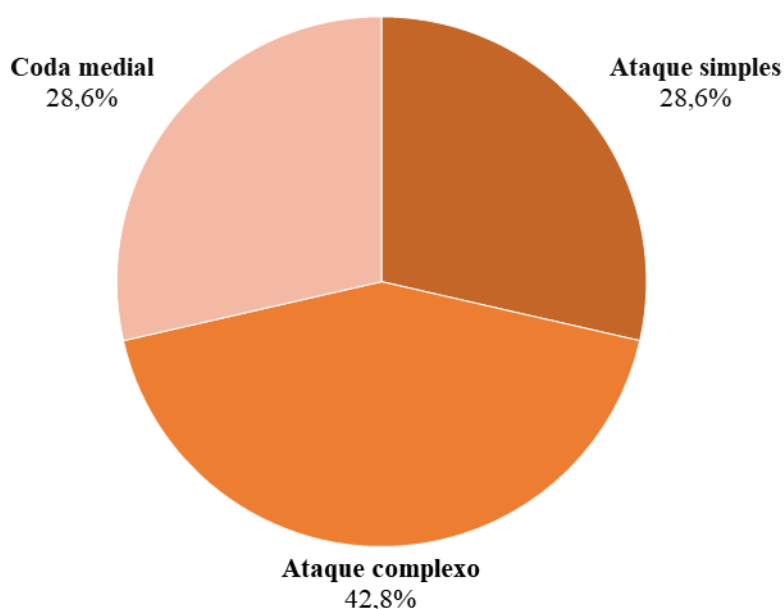


Fonte: elaboração própria.

4.1 Trocas de <l> para <r>

Em relação às grafias não-convencionais em que há troca de <l> para <r>, os sete dados obtidos nesta pesquisa revelam duas ocorrências (28,6%) em coda medial (*de.vor.ver* e *sar.ga.di.nhos*), três ocorrências (42,9%) em ataque complexo (*chi.cre.tes*, *cra.ro* e *pro.bre.ma*) e duas (28,6%) em ataque simples ou não-ramificado (duas ocorrências do vocábulo *pí.ru.la*). A distribuição dos dados por contexto silábico é ilustrada pelo Gráfico 2:

Gráfico 2 - Contextos silábicos de grafias não-convencionais: trocas de <l> para <r>



Fonte: elaboração própria.

Como mencionado na seção 2.3 deste artigo, como fenômeno fonético-fonológico, o rotacismo tende a ocorrer em três contextos silábicos (Cristino e Busse, 2017): (i) *coda medial*; (ii) *coda final*; e (iii) *grupos consonantais em ataque silábico*. Desse modo, as duas ocorrências de *pí.ru.la* (para *pí.lu.la*) obtidas por esta pesquisa ocorrem em contexto silábico menos comum ao rotacismo: ataque simples. Como já citado, Brandão e Callou (2019) explicam este caso a partir de um processo de *dissimilação*, que diferencia as consoantes líquidas presentes no vocábulo (*pí.lu.la*).

As grafias <r> em contexto em que, convencionalmente, escreve-se <l> (*chicretes, craro, devorver, pímulas* - duas ocorrências -, *probrema* e *sargadinhos*), podem ser classificadas como uma grafia não-convencional em que o aluno escreve “foneticamente”, como na grafia *rapais* (para *rapaz*). Segundo Cagliari (2004, p. 277), “talvez os erros mais comuns dos textos espontâneos dos alunos na alfabetização refiram-se ao uso da escrita como se fosse uma transcrição fonética. [...] Os alunos são hábeis na transcrição fonética, valendo-se dos recursos da escrita alfabética”.⁶

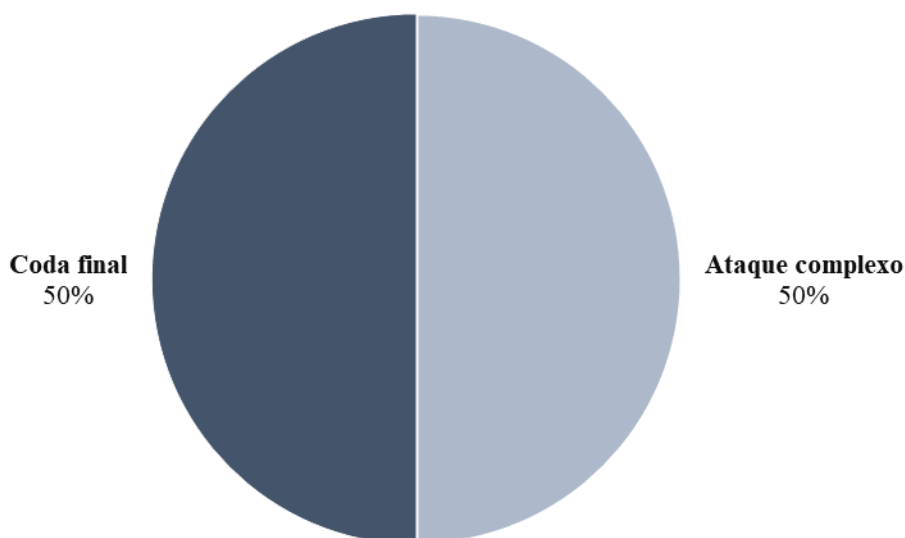
Nesse caso, identificam-se marcas que o escrevente registra a partir de sua circulação dialógica por práticas do oral/falado. Esses dados podem ser associados ao primeiro eixo, proposto por Corrêa (2004), que orienta a circulação do escrevente pelo imaginário sobre a escrita (cf. seção 2.1 deste artigo): o *modo de constituição da escrita em sua suposta gênese*. Nos dados analisados, no momento em que grafia <r> quando a convenção prescreve <l>, o escrevente toma a escrita como representação direta da oralidade e, portanto, deixa registrados índices, como já exposto, de sua circulação por práticas sociais do oral/falado.

4.2 Trocas de <r> para <l>

Em relação aos contextos silábicos, observam-se, no que tange às quatro trocas gráficas de <r> para <l>, duas ocorrências (50%) em ataque complexo (dois dados de *re.fli.ge.ran.te*) e duas ocorrências (50%) em coda final (*a.nun.ci.al* e *com.pral*). Esse resultado pode ser mais bem visualizado por meio do Gráfico 3, apresentado a seguir:

⁶ Para lidar com esse caso, Cagliari (2004) recomenda a leitura por parte do aluno. Segundo o autor, se alguma grafia não-convencional se tornar recorrente nas produções textuais, o professor deve explicitar as diferenças entre ortografia e transcrição fonética.

Gráfico 3 - Contextos silábicos de grafias não-convencionais: trocas de <r> para <l>



Fonte: elaboração própria.

Apesar de a coda final corresponder a um contexto silábico previsto para o rotacismo, é representada nos dados por ocorrências de grafias <l> em contextos em que, convencionalmente, seriam <r>: *a.nun.ci.al* e *com.pral*. Esses dados devem ser destacados por ser possível, em coda final, o rotacismo de /l/ para [ʎ], como em *me[ʎ]* (para *mel*) e *vendava[ʎ]* (para *vendaval*). No caso do /R/ de infinitivo verbal, como em *anunciar* e *comprar*, tem-se, para a variedade ponta-grossense, a variação entre a realização fonética do retroflexo e o apagamento do /R/,⁷ como em *anuncia[ʎ] ~ anunciá∅* e *compra[ʎ] ~ comprá∅*.

Desse modo, os dados de grafias não-convencionais *a.nun.ci.al* e *com.pral* podem ser classificadas como casos de *hipercorreção* (Cagliari, 2004, p. 278), que “ocorrem quando o aluno exagera na aplicação de uma regra, usando-a para contextos não permitidos”. Tem-se, aqui, o segundo eixo proposto por Corrêa (2004), que se refere à *apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado*. Nesse momento, o escrevente concebe a escrita a partir do código institucionalizado, sobretudo do âmbito escolar, local de elaboração das produções textuais. Nesse caso, por exemplo, o aluno pode, anteriormente, ter sido corrigido pelo professor ao escrever formas como *mer* (para *mel*) e *vendavar* (para *vendaval*). Após a explicação hipotética de que, apesar de falar com [ʎ], deve-se escrever com <l>, o aluno passa a registrar, por analogia, *anuncial* (para *anunciar*) e *compral* (para *comprar*).

⁷ Processo variável frequente em muitas variedades do Português Brasileiro (Callou, Moraes e Leite, 1998; Oushiro e Mendes, 2014; Galli, 2015; Chagas, 2017; Carmo e Taborda, 2019).

A mesma explicação é válida para as duas ocorrências de *refrigerante*, presentes em contexto silábico de ataque complexo, que podem ter sido associadas pelo escrevente a partir de correções de grafias como *probrema* (para *problema*), correspondendo a marcas que o escrevente deixa em seu texto a partir do seu imaginário sobre a escrita. Todavia, essas duas ocorrências de *re.fli.ge.ran.te* também podem ocorrer oralmente a partir do processo fonético-fonológico de *dissimilação* (Brandão e Callou, 2019), que, como já apresentado, distingue as consoantes líquidas do vocábulo (*re.fri.ge.ran.te*). Nesse caso, esses dados transitam pelo primeiro eixo proposto por Corrêa (2004), o *modo de constituição da escrita em sua suposta gênese*, registrando sua circulação por práticas sociais do oral/falado.

Em suma, como apresentado na seção 2.2 deste trabalho, tanto os PCNs quanto a BNCC (Brasil, 1998, 2018) orientam que o professor de língua portuguesa atue de forma a apresentar ao aluno, primeiramente, as regularidades e, posteriormente, as irregularidades ortográficas, das mais às menos frequentes. Em termos de frequência, dentre as irregularidades ortográficas, verifica-se que os itens mais frequentes - e, portanto, a serem primeiramente trabalhados -, obtidos nesta investigação correspondem às trocas de <l> para <r>, à estrutura silábica de ataque complexo e ao primeiro eixo proposto por Corrêa (2004), o *modo de constituição da escrita em sua suposta gênese*, como em *cra.ro* (para *claro*). Nesse sentido, faz-se mister trabalhar com o aluno as relações presentes entre sua produção textual e as práticas sociais do oral/falado, explicitando ao aluno, na constituição do seu imaginário sobre a escrita, de que esta não representa uma transcrição fonética da fala (Cagliari, 2004).

Feita a análise das grafias não-convencionais relativas às trocas entre <l> e <r> em produções textuais de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental em duas escolas públicas de Ponta Grossa (PR) segundo o Modo heterogêneo de constituição da escrita (Corrêa, 2004), passa-se à conclusão deste trabalho.

5. Conclusão

O presente artigo objetivou analisar grafias não-convencionais presentes em textos de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental de duas escolas urbanas da rede pública de Ponta Grossa (PR), mais especificamente as trocas entre os grafemas <l> e <r>, associados ao fenômeno fonético-fonológico denominado *rotacismo*.

Das 201 produções textuais coletadas por Mendes (2013), foram levantadas 11 grafias não-convencionais referentes ao contexto investigado nesta pesquisa. A partir do arcabouço teórico do *Modo heterogêneo de constituição da escrita* (Corrêa, 2004), verificou-se, nesses dados, marcas do escrevente em que registra sua circulação dialógica pelo oral/falado e pelo letrado/escrito. Mais especificamente, verificou-se que o primeiro eixo de Corrêa (2004) - o *modo de constituição da escrita em sua suposta gênese* - explica os casos em que o escrevente grafa a partir de sua circulação dialógica pelas práticas do oral/falado, a saber, da presença do rotacismo no nível fonético-fonológico. Um número menor de dados pode ser explicado, ainda, pelo segundo eixo de Corrêa (2004), o da *apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado*, em que o escrevente apreende uma regra - geralmente a partir do ambiente escolar em que estuda e em que elabora seu texto - que utiliza em contextos em que, convencionalmente, não deveria ser usada.

Com a concepção da escrita como processo, e não como produto (Corrêa, 2004), os dados analisados neste estudo corroboram a observação dos PCNs e da BNCC (Brasil, 1998, 2018) de que a aprendizagem referente à ortografia é inesgotável, não devendo seu trabalho ser limitado aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com o auxílio das práticas de leitura (Cagliari, 2004) e escrita (Paraná, 2008) para o ensino de ortografia, defende-se a explicitação e a reflexão, por parte do aluno, das relações não biunívocas entre oralidade e letramento. Nesse sentido, traz-se para a grafia a afirmação que Corrêa (2004, p. XIII) tece para a escrita: “quanto mais forem considerados os fatores co-atuantes na constituição do escrevente e quanto mais a escrita for tomada no seu processo de apreensão não-exaustiva da oralidade, menos regulamentação normativa será solicitada e melhores frutos serão colhidos”.

Referências

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 51. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

BOTELHO, J. M.; LEITE, I. L. Metaplasmos contemporâneos—um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. In: *II Congresso de Letras da UERJ—São Gonçalo (II CLUERJ-SG)*. 2005, p. 1-12.

BRANDÃO; S. F.; CALLOU, D. Pressupostos básicos para uma caracterização fonológica do português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *História do português brasileiro: mudança fônica do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 34-59.

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*, Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU*. 1º ed. São Paulo: Scipione, 2004.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, [s.l.], v. 14, p. 61-72, 1998. Disponível em: scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300006. Acesso em: 25 ago. 2020.
- CARMO, M. C.; TABORDA, I. R. Apagamento de /R/ em coda silábica na variedade do interior paulista. *Letras Escreve*. Macapá, v. 9, n. 3, 2. sem., p. 39-51, 2019.
- CHAGAS, V. D. O comportamento das fronteiras prosódicas no apagamento rótico em posição de coda final de palavras. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 597-620, 2017.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- COSTA, L. T. Análise variacionista do rotacismo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 5, n. 9, ago. 2007.
- CRISTINO, T.; BUSSE, S. Rotacismo: estudo do fenômeno na fala do Oeste do Paraná. In: *Anais da 19 JELL*, Jornada de Estudos Linguísticos e Literários. Marechal Cândido Rondon: JELL, 2017.
- FREITAS, R. M. K.; ARAÚJO, A. S.; BARRETO, E. A.; CARVALHO, E. S. S. “Vamos prantar froes no grobo da Terra”: estudando o rotacismo nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita/SE. *RevLet - Revista Virtual de Letras*. v. 2, n. 2, 2010, p. 17-31.
- GALLI, M. C. Um estudo de caso sobre o apagamento dos róticos no infinitivo. *Travessia*, Cascavel, v. 9, n. 1, p. 254-268, 2015.
- HORA, D. da; TELLES, S. Metátese. In: CASTILHO, A. T. *História do português brasileiro: mudança fônica do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 158-179.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MENDES, S. F. *Indícios de autoria em textos de opinião escolares escritos por alunos de 6º ano do ensino fundamental*. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.
- OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. *Veredas*. Juiz de Fora (MG). v.18. n. 2. p. 251-266. 2014.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa*. Curitiba, 2008.
- SILVA, T. C. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
-